

O identicídio das mulheres no século XXI: um estudo das capas da revista Superinteressante¹

Daniele Regina²
Vanessa Heidemann³

Resumo: Este trabalho discute de que maneira as mulheres são representadas em 18 capas da revista brasileira Superinteressante, entre os anos de 2010 a 2020. Adotamos os conceitos de epistemicídio/genocídio (Grosfoguel) e os estudos de gênero (Swain) para embasar nossa discussão. Com a Análise de Conteúdo (Bardin), criamos as categorias de busca: representações das mulheres; representações indígenas; e representações LGBTQIA+. De que maneira as mulheres são representadas nas capas, é a nossa categoria de análise. A ideia principal deste trabalho é a de que as representações estereotipadas das mulheres geram o identicídio de representações divergentes. Ocupar espaços (*apareço, logo existo*) pode ser um caminho para combater o identicídio observado.

Palavras-chave: Comunicação. Genocídio. Epistemicídio. Superinteressante. Identicídio das mulheres.

1 Introdução

As representações midiáticas das mulheres, no século XXI, promovem o identicídio praticado pelo patriarcado. Apesar da busca pela autonomia sobre os próprios corpos e identidades, as mulheres continuam sendo representadas dentro de determinados estereótipos.

Este trabalho é inspirado na crítica de Ramón Grosfoguel (2016) acerca dos genocídios/epistemicídios desenvolvidos, sobretudo no Ocidente, a partir do século XVI, e nas pesquisas de Tania Navarro Swain (2001, 2010, 2014) sobre as representações das identidades das mulheres em capas de revistas e o predomínio do discurso patriarcal acerca dos corpos e sexualidades.

As principais questões que abordamos estão relacionadas à ausência da representação de determinados grupos sociais nas capas da revista brasileira Superinteressante, e a propagação das representações das identidades das mulheres, no século XXI, que perpetuam os discursos patriarcais.

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Narrativas contemporâneas nas mídias do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Mestranda em Comunicação e Cultura (Uniso), danieleregina.contato@gmail.com.

³ Doutoranda em Comunicação e Cultura (Uniso), vheidemann@gmail.com.

Grosfoguel (2016) discute em seu trabalho fenômenos históricos que, segundo o autor, ressoam nas sociedades ocidentais até os dias atuais. Em sua perspectiva, os quatro principais genocídios/epistemicídios que desencadearam a construção de um mundo capitalista, patriarcal, ocidental, cristão, moderno e colonialista foram a conquista de Al-Andalus em nome da “pureza do sangue”; a destituição dos povos indígenas do continente americano e dos povos na Ásia; o aprisionamento dos africanos que foram escravizados; e a perseguição contra as mulheres na Europa.

Todos esses processos históricos resultaram em uma visão eurocêntrica que inicialmente centralizou o conhecimento e o poder, principalmente, na Itália, França, Inglaterra e Alemanha. Posteriormente o mesmo ocorreu nos Estados Unidos, gerando um privilégio epistêmico desses povos sobre os demais. Esse privilégio desencadeou o que Grosfoguel chama de racismo/sexismo epistêmico (GROSGOQUEL, 2016).

O sangue derramado na construção do Ocidente deixou marcas profundas em diversas culturas ao redor do mundo. Essas marcas podem ser observadas em pleno século XXI, pois é possível identificar de que maneira determinados grupos sociais são (ou não) representados socialmente.

Swain (2001, p. 15) explica que “as representações sociais, em um tempo e local determinados são também reatualizações de imagens que permanecem alojadas nos nichos do interdiscurso”, ou seja, que o “discurso de verdade apoia-se na tradição” (SWAIN, 2001, p. 15). Em revistas voltadas para o público feminino, por exemplo, as mulheres são representadas com suas características e capacidades estereotipadas, pois as leitoras são vistas com base em suas características “naturais”, relacionadas à domesticidade, reprodução, sedução etc. (SWAIN, 2001).

O discurso estereotipado no Ocidente é proferido majoritariamente por autoridades detentoras de discursos e locais de fala que legitimam ou excluem os valores e parâmetros que produzem sentidos e determinam a posição social de cada um.

Assim, no Ocidente, as representações das mulheres vem sendo diabolizadas ou santificadas, e estas expressões compõem a noção de uma natureza sexuada selvagem, rebelde, má, cuja domesticação resultaria na imagem da “boa”, da “verdadeira” mulher. [...] A palavra dos “grandes homens” esclarece sobre a “verdadeira” natureza da mulher, repondo sem cessar, nos espaços interdiscursivos, representações pejorativas sobre o feminino que delimitam seu lugar no mundo, suas possibilidades e as práticas às quais ela deve se restringir (SWAIN, 2001, p. 15).

Uma das formas de construir uma identidade estereotipada da mulher é o apelo estético de um corpo que tem como principal função o desempenho sexual e, conseqüentemente, a reprodução. Essa dominação e imposição de identidades, praticada pelo patriarcado, também atinge de que maneira as orientações sexuais dos indivíduos são consideradas morais ou imorais (SWAIN, 2014).

Partindo das ideias de epistemicídio/genocídio de Grosfoguel e das questões da identidade das mulheres e da manifestação de orientações sexuais que rompem com a heterossexualidade, buscamos identificar de que maneira a revista brasileira *Superinteressante* representa determinados grupos sociais em suas capas. Adotamos a revista, pois sua proposta é promover a divulgação científica.

Para desenvolver a análise das capas da revista, nos apoiamos na pesquisa de Laura Strelow Storch (2012). A autora compreende que os personagens apresentados nas páginas e nas capas das revistas representam um perfil editorial relacionado ao perfil do leitor imaginado, além de trazer a definição desse conceito das redações.

Como procedimento metodológico, utilizamos a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2011), e inspiradas nas pesquisas de Grosfoguel e Swain, criamos as seguintes categorias de busca: a) Representações de mulheres, b) Representações de indígenas e c) Representações LGBTQIA+⁴.

Como resultado tivemos a ausência da representatividade LGBTQIA+, uma representação indígena, que também está inserida na categoria das representações de mulheres, pois representa uma mulher indígena carregando uma criança de colo, e 17 capas com outras representações de mulheres. A partir dos dados, criamos a seguinte categoria de análise: de que maneira as mulheres são representadas nas capas da revista *Superinteressante*?

As representações das mulheres perpassam pela ideia patriarcal do que é ser mulher. A estereotipia da mulher/mãe, mulher/prostituta, mulher/frágil, mulher/jovem etc., perpetuada por séculos, permanece sendo reproduzida na atualidade. A manutenção de tais discursos promove o identicídio de possíveis representações divergentes.

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual e + que inclui outros grupos.

2 Genocídio/epistemicídio e as representações das mulheres

O eurocentrismo devastou durante séculos diversas culturas ao redor do mundo. Com a pretensa ideia de evangelizar e salvar as “pobres almas infelizes”, milhares de povos foram estuprados, assassinados e silenciados.

A palavra do homem branco era a lei universal. Assim, “depois de conquistar o mundo, os homens europeus alcançaram qualidades ‘divinas’ que lhes davam um privilégio epistemológico sobre os demais” (GROSFOGUEL, 2016, p. 31).

O pesquisador Ramón Grosfoguel (2016), aponta que a partir do século XVI com o desenvolvimento do pensamento cartesiano, o homem europeu passa a acreditar que é dotado de características especiais, que os tornam superiores.

Para Grosfoguel, o homem branco europeu praticou quatro epistemicídios/genocídios que construíram o mundo de hoje. Essas ações foram praticadas:

1. contra os muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus em nome da “pureza do sangue”;
2. contra os povos indígenas do continente americano, primeiro, e, depois, contra os aborígenes na Ásia;
3. contra africanos aprisionados em seu território e, posteriormente, escravizados no continente americano;
4. contra as mulheres que praticavam e transmitiam o conhecimento indo-europeu na Europa, que foram queimadas vivas sob a acusação de serem bruxas (GROSFOGUEL, 2016, p. 31).

As consequências desses “quatro genocídios foram ao mesmo tempo formas de epistemicídios que são partes constitutivas do privilégio epistêmico dos homens ocidentais” (GROSFOGUEL, 2016, p. 32).

Episteme é uma palavra de origem grega e significa conhecimento. Contrariamente ao que a palavra possa indicar de imediato, conhecer não está relacionado apenas às faculdades intelectuais dos indivíduos. Conhecemos por meio das trocas intersubjetivas que abarcam um número de processos que passam pelos afetos, pela linguagem, pelas manifestações religiosas, pelos ritos, pelos mitos, pelos saberes do cotidiano etc.

Nosso conhecimento também é construído a partir das representações sociais que são as “imagens, valores, normas, significações materiais e simbólicas que instruem o

real, em seus aspectos social/individual. Nada escapa ao aspecto instituidor das representações sociais, seja na ciência, seja na formação de um senso comum, ‘da verdade científica’ à ‘opinião’” (SWAIN, 2014, p. 46).

Praticar epistemicídio é sobrepor uma cultura sobre as demais, é impor uma verdade absoluta, é manter uma relação entre dominadores e dominados. O desenrolar histórico alicerça o presente, as sociedades reproduzem em suas manifestações culturais os discursos que engendram o coletivo e afetam os indivíduos. “Tanto os corpos como as identidades são históricos, sofrem a ação do tempo, das variáveis sociais, das ingerências econômicas” (SWAIN, 2014, p. 13).

A tentativa de apagar identidades étnicas, raciais, sexuais e de gênero são os reflexos dos quatro epistemicídios citados por Grosfoguel. No século XXI, não há mais invasões coloniais, tais como ocorreram no passado. Entretanto, isso não significa que o colonialismo tenha desaparecido.

Com o desenvolvimento de novas formas de propagar os discursos como rádio, televisão, jornais, revistas e *internet*, podemos erroneamente concluir que os discursos do passado estejam perdendo terreno. Quantas mulheres descendentes dos povos originários do Brasil são modelos no mundo da moda? Quantas mulheres negras ganharam o Oscar? Quantos homens negros ocupam os maiores cargos corporativos ao redor do mundo?

Mesmo que na atualidade haja uma profusão de manifestações que denunciam os epistemicídios e genocídios do passado, mesmo que tenhamos o feminismo, os movimentos pelas lutas raciais etc., os “quatro genocídios/epistemicídios são constitutivos das estruturas epistêmicas racistas/sexistas que produziram um privilégio e uma autoridade para a produção de conhecimento do homem ocidental, com a inferiorização dos demais” (GROSGOQUEL, 2016, p. 43).

Pensando no último epistemicídio apontado por Grosfoguel, em relação à perseguição às mulheres na Europa, observamos que as representações propagadas pela mídia possuem uma divisão entre os homens e as mulheres.

As representações do que é ser mulher propaga a ideia de que as mulheres representam a “sedução perversa, a inferioridade física e social, a incapacidade intelectual, a dependência de seu corpo e de seu sexo, a passividade vem sendo reafirmadas em imagens e palavras que povoam o imaginário ocidental (SWAIN, 2001, p. 16).

Tania Navarro Swain pesquisou de que maneira as mulheres são representadas nas revistas femininas brasileiras *Nova* e *Marie Claire* e nas revistas *Elle-Québec* e *La Chatelaine*, da província francesa do Québec-Canadá. Swain (2001, p. 19) afirma que nas revistas analisadas

O feminino aparece reduzido à sua expressão mais simples e simplória: consumidoras, fazendo funcionar poderosos setores industriais ligados às suas características “naturais”: domesticidade (eletrodomésticos, produtos de limpeza, móveis), sedução (moda, cosméticos, o mercado do sexo, do romance, do amor) e reprodução (produtos para maternidade/crianças em todos os registros, da vestimenta/alimentação aos brinquedos).

Em relação aos corpos das mulheres, suas representações “discursivas ou imagéticas, difundidas no social, ‘ressematizam’ atributos e enunciados a respeito das ‘verdadeiras’ mulheres: mulher-corpo, mulher-objeto, mulher-mãe, representações poderosas atuantes no imaginário social do presente” (SWAIN, 2014, p. 38).

Como apontamos anteriormente, com a pesquisa de Grosfoguel, o discurso no Ocidente é elaborado para “privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo” (GROSFOGUEL, 2016, p. 25). Swain (2001, 2010, 2014) também aponta para o domínio do discurso patriarcal e heterossexual em manifestações midiáticas atuais.

Esse discurso do homem branco europeu transmite e reproduz os valores apontados por Grosfoguel. No pensamento cartesiano, o discurso era o do *Ergo, logo sum* (Penso, logo existo), de René Descartes, que com as grandes navegações é substituído por *Ego conquiro* (Conquisto, logo existo), atualizado em seguida, com as colonizações, por *Ego extermino* (Extermino, logo existo) (GROSFOGUEL, 2016).

O controle dos discursos por um determinado grupo é nocivo e perigoso, pois

quer seja no rumor das conversas que fundamentam o senso comum, na literatura, no discurso científico, em tudo que é impresso ou falado, podemos encontrar representações sociais que instituem o mundo em suas clivagens valorativas, nos recortes significativos que definem as categorias de percepção, análise e definição do social (SWAIN, 2001, p. 13).

Os discursos podem construir, mas também podem destruir. Buscamos compreender se os fenômenos históricos/sociais apontados por Grosfoguel e Swain

ocorrem nas representações étnicas, raciais, de gênero e sexualidade (LGBTQIA+), nas capas da revista brasileira Superinteressante.

3 A representação da mulher no discurso da revista

Segundo Storch (2012), o leitor imaginado contribui significativamente para a construção do discurso da revista, uma vez que relaciona os sujeitos autor e leitor real. A função desempenhada pela figura do conceito atua, por exemplo, no direcionamento das técnicas de linguagem e compreensão das expectativas do veículo. A autora afirma que essa atuação acontece, primeiramente, no pré-discurso.

O leitor imaginado, nesse contexto, se organiza a partir de certas antecipações que, para além das construções que foram efetivamente planejadas, congregam representações anteriores à concretização do discurso, manifestas em competências cognitivas, inserções históricas, certa biografia dos sujeitos, saberes compartilhados, nas acumulações de conhecimento enciclopédicos, em postulados silenciosos, estereótipos, nos contextos estruturados (STORCH, 2012, p. 71).

Na busca pela definição do leitor imaginado, a revista é dividida em três dimensões: institucional (a revista quando fala de si), publicitária (a revista quando determina o mercado) e editorial (a revista quando, jornalisticamente, transmite uma mensagem) (STORCH, 2012). Nos interessa focar na terceira dimensão citada, a editorial. Nela, avaliamos o desempenho jornalístico segundo “três indicadores centrais de problematização: a) o conteúdo jornalístico; b) a visualidade; e c) os espaços e manifestações do leitor explícito” (STORCH, 2012, p. 131). Para esse estudo, interessamos voltar o olhar para o conteúdo jornalístico e a visualidade.

Pela análise do conteúdo jornalístico da dimensão editorial, é possível perceber como a revista busca favorecer a identificação do leitor através do discurso, considerando temas relevantes para o leitor imaginado (STORCH, 2012). “A escolha dos temas também se faz pela observação do perfil editorial da revista, pautado especialmente pelos índices de segmentação e por pesquisas que apontam os hábitos de leitura e consumo dos leitores” (STORCH, 2012, p. 133). Nesse rastro, chegamos na seleção das personagens, que funcionam da mesma forma.

O que o pesquisador deve observar, no mapeamento das personagens, é a relação entre aqueles que figuram de forma recorrente nas páginas das revistas e o leitor imaginado. A presença de celebridades, de artistas, de personalidades políticas, de pessoas públicas nacionais ou estrangeiras, de modelos (nus ou não), de empreendedores, de pessoas comuns, do próprio leitor - cada um dos exemplos, observados na conformação do perfil editorial da revista, indica um traço distinto do leitor imaginado (STORCH, 2012, p. 136).

Na visualidade, as personagens são retratadas, em primeiro momento, na capa da revista, e, ao analisá-las, o pesquisador identifica pela recorrência de elementos visuais e verbais, a quem o veículo busca atingir (STORCH, 2012). A autora lista os três modos de relação com o mundo que as imagens podem assumir como função na capa de uma revista, nos chamando a atenção o “modo estético” (STORCH, 2012, p. 146), no qual o interesse é causar sensações específicas no leitor. A fotografia, quando utilizada, pode referenciar o real, construir um estilo de narração ou ilustrar, combinada com outros elementos gráficos (STORCH, 2012).

Consideramos analisar a Superinteressante, pois editorialmente ela é definida como uma revista de divulgação científica. Compreendemos a Divulgação Científica como a informação do desenvolvimento da ciência para leigos, algo diferente da Comunicação Científica, realizada de especialista para especialista (MARTINS; OLIVEIRA; VALLE, 2020).

O discurso do divulgador científico contém “a presença de analogias, menção de personalidades e cientistas, a atração do leitor pelo impacto visual, a presença de elementos informativos e explicativos” (MARTINS; OLIVEIRA; VALLE, 2020, p. 3). Na Divulgação Científica, o público-alvo tem papel determinante na elaboração da mensagem, que deve ser passada de forma simplificada, clara e objetiva (MARTINS; OLIVEIRA; VALLE, 2020).

A Superinteressante é uma revista brasileira de divulgação científica e cultural que está em atividade há 34 anos pela editora Abril. Segundos dados divulgados pela editora Abril em 2018, “a versão brasileira de periodicidade mensal tem um público de 3.094.000 leitores, sendo 57% deles do sexo masculino, e a idade média de consumidores da revista é de 20 a 29 anos. No ano de 2018, a circulação líquida foi de 152.433, com uma tiragem média de 210.000 exemplares” (MARTINS; OLIVEIRA; VALLE, 2020, p. 48)⁵.

⁵ Buscamos essas informações atualizadas no site da revista e da editora, entretanto não as encontramos.

A partir dos dados citados, voltamos nossa atenção para o impacto visual que as representações nas capas da revista Superinteressante podem gerar nas mulheres, já que a média feminina do seu público é de 43%.

Inspiradas nos quatro epistemicídios apontados por Grosfoguel e nas questões sobre gênero de Swain, adotamos a metodologia de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2011), para criar três categorias de busca nas capas da Superinteressante: a) Representações de mulheres; b) Representações de indígenas e c) Representações LGBTQIA+.

No dia 27 de abril de 2021, buscamos no Superarquivo⁶, área online disponibilizada pela revista Superinteressante, capas da revista nas edições especiais e comuns⁷ que representassem as três categorias. Adotamos como recorte temporal as capas dos últimos cinco anos (2015-2020), entretanto, encontramos resultados predominantemente para a primeira categoria (representações das mulheres), nas edições comuns e especiais, e chegamos no total de 18 capas com representações femininas.

Para as demais categorias, encontramos uma capa com representações indígenas (uma mulher carregando uma criança de colo)⁸ e nenhuma capa com representações LGBTQIA+. Perante o resultado, estendemos o recorte temporal para 10 anos (2010-2020), o que não modificou o resultado anterior.

A maioria das representações das mulheres nas capas da revista ocorrem de forma depreciativa, com uso de suas expressões, corpos e capacidades referenciando assuntos como desequilíbrio do corpo e da mente humana, apelo estético, sexualidade e dados históricos. Os temas que elas ilustram, são relevantes, mas abordados de maneira negativa, associando, na maioria das vezes, a figura feminina com o lado negativo do que é retratado.

Tabela 1 – Informações sobre as edições comuns da Superinteressante

| Data | Edição | Matéria de capa das edições comuns |
|------------|--------|--|
| Julho/2015 | 349 | Estupro - o mais acobertado dos crimes |
| Março/2016 | 358 | 20 segredos - que os médicos não te contam |

⁶ Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/>.

⁷ A diferença entre elas é o conteúdo monotemático da versão especial que detalha um assunto em subconteúdos, enquanto a edição comum é multitemática e traz diversos temas num só exemplar.

⁸ Inserimos essa capa na análise sobre as representações das mulheres.

| | | |
|---------------|---------|---|
| Junho/2016 | 361 | As 24 doenças mais raras - (e estranhas) do mundo |
| Setembro/2016 | 365 | Mindfulness - como domar sua mente. Agora |
| Novembro/2016 | 367 | O lado sombrio dos contos infantis |
| Novembro/2017 | 381 | As três faces de Maria Madalena |
| Novembro/2017 | 382 | Quer que eu desenhe - a vida, o universo e tudo mais em 23 grandes infográficos |
| Dezembro/2018 | 396/397 | Fim da enxaqueca |
| Agosto/2019 | 406 | Vitaminas - você precisa tomar? |
| Dezembro/2019 | 410 | O quebra-cabeças do autismo |
| Dezembro/2020 | 422 | A química do sono |

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 – Informações sobre as edições especiais da Superinteressante

| Data | Edição | Matéria de capa das edições especiais |
|---------------|---------------|--|
| Novembro/2015 | 353-A | Hipnose - como surgiu - como funciona - como fazer |
| Abril/2016 | 359-A | Forever Young - a ciência do rejuvenescimento |
| Abril/2017 | 373-A | Ansiedade - o lado bom do medo - quando é hora de procurar ajuda - Brasil, o país mais ansioso do mundo - os tratamentos sem remédio - comidas que combatem a doença |
| Janeiro/2017 | 370-A | Meditação - Pare. Respire. E mude de vida |
| Janeiro/2019 | 398-A | África - Toda a história do continente que deu à luz à humanidade |
| Outubro/2019 | 408-A | 70 mulheres que mudaram o mundo |
| Julho/2020 | 417-A | Os primeiros brasileiros - quem eram e como viviam as pessoas que plantaram as raízes da nossa história |

Fonte: Elaboração própria.

A partir do *corpus* das 18 capas, buscamos identificar de que maneiras as mulheres são representadas na revista Superinteressante.

4 A imagem das mulheres no século XXI

Para analisar de que maneira as mulheres são representadas na Superinteressante, estabelecemos como categoria de análise de que maneira as mulheres são representadas

nas capas da revista. Para desenvolver nossa análise, elencamos subcategorias das representações das mulheres: a) desequilíbrio do corpo humano; b) desequilíbrio da mente humana; c) apelo estético; d) dados históricos; e e) violências sexuais.

As capas que focam no desequilíbrio do corpo humano são as que abordam insônia, autismo, necessidade de vitaminas, enxaqueca, doenças raras e segredos prejudiciais da medicina (Ed. 422; 410; 406; 396/397; 361 e 358). Essas trazem expressões femininas sérias, ausência de sorrisos, olhos fechados ou ocultados por caixas de texto, e/ou corpo nu.

As que focam no desequilíbrio psicológico retratam o controle da mente contra ansiedade e depressão, hipnose contra traumas, meditação contra ansiedade e uma capa inteiramente sobre ansiedade (Ed. 365; 353-A; 370-A e 373-A). As mulheres trazem expressões tranquilas em matérias sobre tratamento, mas as figuras não olham diretamente para a frente. Nas imagens em que os olhares das representações se encontram com o do consumidor/leitor, as expressões são aflitas.

O apelo estético fica por conta de uma capa sobre descobertas científicas para o rejuvenescimento (Ed. 359-A) e outra sobre assuntos explicados através de infográficos (Ed. 382). A primeira, traz a imagem da mulher branca de olhos claros e pele perfeita, com um lado da face sob efeito de papel amassado, enquanto a segunda apresenta o corpo feminino sob o padrão esguio.

As capas com dados históricos (Ed. 381; 367; 398-A; 408-A e 417-A) trazem a história da personagem bíblica Maria Madalena, a obscuridade dos contos infantis, a história do continente africano (que “deu à luz a humanidade”) e sobre 70 personagens femininas que contribuíram para a História e sobre os povos originários brasileiros.

Nas duas primeiras capas, as representações femininas, tidas como promíscua e vítima respectivamente, aparecem com expressões sérias e encobertas pela figura de um lobo. A página com maior representatividade de mulheres é a das figuras históricas, com imagens de seis mulheres que marcaram a História (Frida Kahlo, Marie Curie, Malala Yousafzai, Angela Merkel, Chimamanda Ngozi Adichie e Anita Garibaldi).

A capa sobre o continente africano (Ed. 398-A) apresenta uma mulher negra com batom vermelho e acessórios com a estética da cultura africana, representando a mãe da humanidade. Também remetendo à maternidade de um povo, a edição que representa uma indígena (Ed. 417-A), aparece ao lado de três outras representações de mulheres entre

onze representações de homens. A ilustração aparece nua, com os quadris bem arredondados, a parte inferior das pernas e o rosto com pinturas, uma espécie de colar no pescoço, o cabelo negro cortado com franja e um tecido sobre os seios, segurando uma criança aparentemente mestiça. A figura é a única a carregar um bebê consigo, o que nos faz remeter à miscigenação do povo brasileiro.

Por fim, o tema das violências sexuais foi abordado numa capa sobre o estupro (Ed. 349). A mulher aparece com um tom de cabelo e maquiagem fortes e diversas mãos masculinas a atacando.

Podemos observar que as mulheres são representadas de maneira estereotipada, reproduzindo a imagem da mulher como mãe, prostituta, com traumas e desequilíbrios físicos e mentais.

Se aproximarmos as representações das capas analisadas com os quatro epistemicídios/genocídios apontados por Grosfoguel, percebemos que a mulher negra aparece como a representante de todo o continente africano. Seu turbante colorido nos remete aos adereços que podemos considerar “africanos”. Porém, o tom de sua pele parece sofrer um esbranquiçamento.

Uma imagem para representar um continente inteiro nos parece um tanto quanto problemático, pois a África não possui uma identidade, mas sim “relações historicamente múltiplas, multifacetadas e multi situadas com outras sociedades, culturas, povos e civilizações, tendo sempre presente, antes de mais, as complexas, profundas e permanentes relações e interseções internas aos diferentes povos e sociedades africanas” (FURTADO, 2016, p. 131).

A capa da edição 417-A, com o título *Os primeiros brasileiros*, nos remete aos epistemicídios e genocídios apontados por Grosfoguel, pois representa uma mulher branca, uma mulher indígena, um homem negro, uma mulher negra e homens europeus brancos.

O homem negro, possui cabelos curtos e encaracolados, está sem camisa, com uma calça curta puída e descalço, fazendo alusão ao homem africano escravizado. Ao seu lado há uma mulher que também é negra. Ela usa um vestido, pulseiras nos pulsos, porém está descalça. Não é possível observar seu rosto, pois o título principal da edição tampa a parte superior de seu corpo.

A mulher branca, aparenta ser jovem, está usando um vestido com características europeias. A outra mulher que aparece é indígena e está nua, sua genital está exposta, entretanto seus seios são escondidos pela criança que carrega no colo. A criança não possui o mesmo tom de pele da mãe.

De todas as capas, certamente essa aponta diretamente para os epistemicídios/genocídios apresentados por Grosfoguel, pois representa a colonização, a escravidão, a evangelização (indicada por uma imagem de padre) e a presença de seis armas, sendo três armas de fogo, duas lanças e uma bainha de espada.

Retomando as representações das mulheres, preocupação central de nosso trabalho, observamos que nas 18 capas analisadas, 25 mulheres são apresentadas representando, na maioria dos casos, o que podemos denominar como representações estereotipadas.

Como aponta Swain (2001, p. 20), “as matrizes de inteligibilidade partilhadas e veiculadas pela mídia atualizam, das profundezas da memória discursiva, imagens estereotipadas do feminino e do masculino”. Quando observamos as representações das mulheres podemos observar um determinado padrão que é repetido nas sociedades ocidentais, pois “estas imagens do feminino ancoradas na memória discursiva vem se incorporar às representações de mulheres atuais” (SWAIN, 2001, p. 16).

A única capa que representa as mulheres como cientistas, artistas, escritoras, guerreiras, politizadas, independentes etc., é a capa da edição especial *70 mulheres que mudaram o mundo*, de 2019.

Esse resultado deixa implícito “que mulheres não governam, mulheres não criam, mulheres não produzem conhecimento, mulheres não têm raciocínio, mulheres são todas iguais em sua inferioridade, ‘mulher’, objeto de desejo, descartável, substituível, desfrutável” (SWAIN, 2010, p. 16).

À força de repetição, de iteração destes discursos destilam-se ódio e discriminação contra as mulheres, contra tudo que ameaça o poder masculino, o clube fechado em torno do pênis, deus *ex machina* nas relações sociais. Assim se criou “a mulher”, inferior ao homem, dotada de útero e não de razão, identidade fixada no corpo, na função social, nos limites de atribuições e deveres que lhe foram atribuídos do exterior, em discursos que asseguram o poder do masculino sobre o feminino (SWAIN, 2010, p. 14).

Mulheres empresárias não existem? Mulheres pesquisadoras? Mulheres que não desejam ter filhos? Mulheres homossexuais? Mulheres transgênero? Mulheres independentes financeiramente? “Mulheres poetisas, escritoras, políticas, profissionais de todas as áreas? É melhor silenciá-las, escondê-las. Por que não se atém às fraldas e à maquiagem, à cozinha e ao quarto, para os quais foram ‘destinadas biologicamente’?” (SWAIN, 2010, p. 16).

Sabemos que no século XXI muitas coisas são diferentes em relação ao passado. Sabemos, pois vivemos nele e conhecemos diversas mulheres em nosso cotidiano que quebram esse padrão de identidade estereotipado.

5 Considerações

A palavra de ordem na revista é interesse. Isso não se refere somente à determinada proposta editorial, mas sim do veículo. Do início ao fim da produção, o leitor permanece na mente da equipe. É com base em suas características que cada atitude é tomada, da redação ao folhear da última página da edição.

O conceito do leitor imaginado estrutura a base da análise das representações das mulheres numa revista de divulgação científica. Isso não só pensando nas leitoras como nos leitores. Se desde a escolha do tema, à elaboração do discurso e seleção do personagem, o foco são os interesses do leitor, foi relevante compreender a forma que a mulher é retratada numa revista de público tão abrangente, principalmente em contraste à área das revistas femininas.

Um outro ponto marcante da mídia, a segmentação, revelou que a figura da mulher é articuladamente ilustrada no papel reduzido de sentidos que é habitualmente conhecido nas revistas segmentadas para esse público.

A não representação de identidades de mulheres que rompam os estereótipos acoberta a existência de outras identidades. Esse fenômeno afeta as construções sociais, e esses discursos continuam tentando moldar as novas gerações, para que elas reproduzam os mesmos comportamentos.

A partir dos conceitos de epistemicídio e genocídio de Ramón Grosfoguel e das discussões acerca das identidades das mulheres e o patriarcado de Tania Navarro Swain, realizamos um levantamento nas capas da revista brasileira Superinteressante.

Adotamos analisar as capas da Superinteressante, pois ela é uma revista que possui como proposta editorial divulgar a Ciência para um público leigo.

Realizamos o levantamento com o recorte temporal dos últimos dez anos (2010-2020), no site da revista, utilizando como categoria de busca as representações de mulheres, as representações de indígenas e as representações LGBTQIA+.

Como resultado não encontramos nenhuma capa abordando a temática LGBTQIA+, uma capa com representações indígenas (uma mulher indígena carregando uma criança) e 17 capas com representações de outras mulheres.

Com esses resultados buscamos compreender de que maneira as mulheres são representadas nessas 18 capas.

A pesquisadora Tania Navarro Swain (2010) aponta que as identidades podem ser uma prisão quando impostas pelos discursos que, em sua percepção, são dominados por homens que propagam ideias falocêntricas, baseadas na ideia sexual/biológica do binarismo.

Grosfoguel (2016) também demonstra que o homem branco europeu, que colonizou muitas regiões ao redor do mundo, criou estruturas racistas/sexistas que promovem a heterossexualidade em detrimento de outras manifestações sexuais.

Os trabalhos dos autores fornecem indícios para as possíveis razões da Comunidade LGBTQIA+ não ser representada nas capas da Superinteressante. A moralidade vigente, ao menos em muitas representações midiáticas, ainda é controlada pelo mesmo grupo, desde o século XVI.

Quando analisamos as 18 capas que representam as mulheres, percebemos que as mulheres são representadas de maneira estereotipada em 17 capas. A mulher é mãe, prostituta, sofre com distúrbios físicos e emocionais, aparenta uma fragilidade inerente ao seu sexo.

Observamos que as capas representam 25 mulheres, entretanto a maioria (18 mulheres) são brancas. A representação majoritária de mulheres brancas nos remete, mais uma vez, à pesquisa de Grosfoguel. O patriarcado representa as mulheres que são correspondentes à sua própria etnia, numa sociedade em que o homem branco está no centro, a mulher representada também é a branca.

A não representação de identidades que rompam os estereótipos em relação às mulheres são o que denominamos identicídio. O que existe é o que vemos, o que ouvimos, o que conhecemos. Como ver o invisível? Como ouvir o silenciado?

Ainda que, enquanto indivíduos, possamos ter em nosso cotidiano outras representações de mulheres, como pontua Grosfoguel e Swain, são os discursos dos homens brancos, europeus, patriarcais, cristãos, heterossexuais que são amplamente propagados.

O assassinato de outras identidades ocorre na tentativa de invisibilizá-las, os discursos moldam a sociedade e a sociedade é moldada pelos discursos. A não representatividade de identidades divergentes pode servir como pressuposto para práticas na sociedade como a violência doméstica, a homofobia, o machismo etc.

De que maneira o identicídio pode ser subvertido? Nos parece que um caminho possível, para os grupos silenciados e perseguidos, seja o de ocupar todos os espaços midiáticos possíveis. Representatividade importa, pois a sociedade está em um processo contínuo de transformação, mesmo que possamos considerá-la vagarosa, muitas vezes.

Historicamente muitos grupos precisaram lutar por seu “lugar” na sociedade e esse processo não desapareceu. O desenvolvimento da *internet* possibilita o aumento da pluralidade de representações em *sites*, *blogs*, redes sociais, *podcasts* etc. Nos parece, que para superar a ideia do “Extermino, logo existo”, apontada por Grosfoguel (2016), é preciso trazer à luz dos sentidos e da razão o *Apareço, logo existo (Appareo ergo sum)*.

Ocupar os espaços midiáticos é um caminho possível para buscar a descolonização das representações das mulheres no século XXI.

Agradecimentos

Agradecemos a leitura e as contribuições das colegas da disciplina *Temas Contemporâneos*. Estendemos nossos agradecimentos à professora Dra. Monica Martinez, docente responsável pela disciplina no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, em 2021.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- FURTADO, Cláudio Alves. O continente africano e a produção africana do conhecimento. **Revista Latino-Americana de Estudos Avançados**. v. 1, n. 1. p. 118-137, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3tt6fy9>. Acesso em: 07 mai. 2021.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25–49, abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3h06n5A>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- MARTINS, Manuella Sampaio; OLIVEIRA, Carlos Bruno Cabral; VALLE, Mariana Guelero. Caracterização da divulgação científica em textos sobre evolução da Revista Superinteressante. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 12, n. 28, p. 45 – 69 set./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3txyVpN>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- STORCH, Laura Strelow. **O Leitor Imaginado no Jornalismo de Revista: Uma Proposta Metodológica**. 2012. 174 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3vWV8PH>. Acesso em: 07 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **Estupro - o mais acobertado dos crimes**. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3hcQCsg>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **Hipnose - como surgiu - como funciona - como fazer**. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/33pBLm7>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **20 segredos - que os médicos não te contam**. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3vSYVxu>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **As 24 doenças mais raras - (e estranhas) do mundo**. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3o7Tat6>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **Mindfulness - como domar sua mente. Agora**. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2SrmRt9>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **O lado sombrio dos contos infantis**. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2R8n1oZ>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **Forever Young - a ciência do rejuvenescimento**. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3uvBsC0>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- SUPERINTERESSANTE. **As três faces de Maria Madalena**. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2R3B3IB>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **Quer que eu desenhe - a vida, o universo e tudo mais em 23 grandes infográficos.** 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3f7YMPV>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **Meditação - Pare. Respire. E mude de vida.** 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3beDILP>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **Ansiedade - o lado bom do medo - quando é hora de procurar ajuda - Brasil, o país mais ansioso do mundo - os tratamentos sem remédio - comidas que combatem a doença.** 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3fjCCdJ>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **Vitaminas - você precisa tomar?** 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3xYFAfR>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **O quebra-cabeças do autismo.** 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fjCQBB>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **70 mulheres que mudaram o mundo.** 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3xZulnu>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **África - Toda a história do continente que deu à luz à humanidade.** 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3vSO7zf>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **A química do sono.** 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3vRE1II>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SUPERINTERESSANTE. **Os primeiros brasileiros - quem eram e como viviam as pessoas que plantaram as raízes da nossa história.** 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3nYvIhP>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SWAIN, Tania Navarro. Desigualdade na diferença: a construção política dos corpos e das identidades sexuadas. **Revista Maracanan**, v. 4, n. 4, p. 37-58, nov. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3nG8AEo>. Acesso em: 01 maio 2021.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2QKErIb>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SWAIN, Tania Navarro. Que corpo é este que me escapa, esta identidade que me persegue? **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 23, n. 1/2, p. 19-41, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3xEfUVH>. Acesso em: 01 mai. 2021.